

O FENÔMENO DA DERIVAÇÃO REGRESSIVA:
uma abordagem tradicional e gerativa.

*Dercy Akele**

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de estudar o fenômeno da derivação regressiva ou deverbal numa abordagem tradicional e gerativa transformacional. Pretende-se analisar todo o processo de formação de palavras, fundamentado na teoria da gramática tradicional e, no início, na estrutural americana, principalmente quanto aos aspectos considerados pré-requisitos ao estudo em foco.

Suscitou interesse este tema, dadas as discussões em torno do assunto, considerados pelos gramáticos da teoria clássica, ora um processo derivativo, ora um processo deverbal. Se há dupla nomenclatura para o mesmo fato, deriva daí duas hipóteses:

- 1ª) ou são processos de natureza diferentes;
- 2ª) ou um processo está superposto ao outro.

O interesse em um estudo comparativo originou-se da constatação de que a gramática tradicional restringe-se a apresentar o fato, defini-lo pouco claramente e classificar as palavras mais comuns, escamoteando por caminhos subjetivos, prescritivos, pouco convincentes, sem se ater a uma análise mais objetiva do fato.

Pretende-se verificar, com este estudo, se a derivação regressiva se caracteriza pela supressão de elementos do vocábulo, e como ela se comporta numa abordagem histórica e gerativa.

Para atender ao objetivo a que se propôs, foi necessário estruturar o trabalho, iniciando com uma visão ampla da formação do léxico, citando vários autores de ambas as correntes (tradicional e estrutural), a fim de fundamentar o confronto final na derivação regressiva entre a linha tradicional e a hipótese lexicalista chomskyana da gerativa transformacional.

O trabalho foi estruturado do seguinte modo:

* Professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul.

1. CONCEPÇÃO DE LÍNGUA:

Neste capítulo, procuramos apresentar um quadro bastante sintético sobre a concepção de língua em ambas as correntes.

2. A ORIGEM DO LÉXICO PORTUGUÊS:

Este capítulo objetiva apresentar as bases originais do léxico português, numa visão histórica, enfatizando as fontes que contribuíram para a sua formação, bem como exemplificando algumas construções.

3. O LÉXICO E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES:

São várias as linhas teóricas sobre a lexicologia. Dentro dessa pluralidade de concepções, foi nossa intenção destacar as que se relacionavam diretamente ao assunto. Os autores foram escolhidos aleatoriamente.

4. ENTIDADES LEXICOLÓGICAS:

Algumas considerações sobre a palavra em confronto com vocábulo, apenas para evitar ambigüidades na referência a um ou outro termo.

5. ENTIDADES MORFOLÓGICAS:

Para uma comparação bem definida, assim como foi dado um trato especial à palavra, imprescindível foi abordar o morfema, cujo conteúdo significativo derivou uma nova e significante postura nas concepções de língua, envolvendo diretamente a lexia.

6. A FORMAÇÃO DAS PALAVRAS:

Para se falar em regressão, supõe-se derivação. Ao se abordar derivação como um elemento do processo de palavras, a composição integral. Foi abordada aqui a composição de palavras, enfatizando mais o aspecto tradicional. Não foi nosso objetivo a concepção de palavras compostas, conforme postula Mattoso Câmara Jr. (1985). Prosseguiu-se à derivação, focalizando a sufixal na sua estruturação e produção.

7. MORFOLOGIA FLEXIONAL E DERIVACIONAL:

Muitas discussões suscitaram sobre este tema, motivo que nos levou a caracterizar cada um, expondo causas por que um processo (flexional) foi priorizado em detrimento do outro (derivacional).

8. SUFIXOS DERIVACIONAIS: PROGRESSIVOS/REGRESSIVOS:

Neste capítulo tenta-se mostrar que a derivação regressiva é, no processo deverbal, uma derivação progressiva. Distinguem-se a regressiva da deverbal, restringindo aquela as reduções e/ou gírias, como um rol de exemplos, e a deverbal, para caracterizar as nominalizações, ou seja, os processos derivam de verbos a substantivos ou vice-versa:

1. CONCEPÇÃO DE LÍNGUA

- 1.1- Linha estrutural
- 1.2- Linha tradicional

Os estudos referentes à natureza e à estrutura das línguas naturais já ocuparam consideráveis espaços na ciência humana. Anos tem-se passado em que o homem se debruça em questões sobre a natureza da linguagem. Várias hipóteses foram levantadas, das quais algumas até hoje permanecem como prováveis. Estes estudos, vale dizer, surgiram com os expoentes das escolas clássicas da Linguística Estrutural, embora cada um tenha se caracterizado por uma abordagem própria no aspecto em que enfatizava, elas se identificaram no tocante às idéias saussureanas, quanto à língua como objetivo da Linguística.

Com a publicação da "Language" de E. Sapir e "Cours de Linguistique" de F. Saussure, os estudos se intensificaram. E. Sapir, como Saussure, distingue na língua um sistema físico e um ideal, sendo este o que considera o princípio real e mais essencial na vida da língua.

Outra grande e importante contribuição foi a publicação de "Language" de L. Bloomfield, lingüista americano, que revolucionou os centros lingüísticos europeus, segundo o qual, o objeto da lingüística é constituído pela associação de determinados sons com determinada significação, ressaltando que os modelos lingüísticos relacionam-se aos modelos sócio-culturais. Mais tarde, surge, dando uma versão diferente às concepções já existentes, embora já veiculadas por Sapir, Noam Chomsky com a teoria mentalista que enfatiza ser a competência lingüística inata no homem, isto é, o homem tem a capacidade de produzir linguagem.

Os gramáticos tradicionais, até então, referiam-se de forma empírica e superficialmente à língua, omitindo-se as considerações que implicassem análise de línguas em geral, além de afirmar que a linguagem articulada é uma característica humana. Daí passavam a aspectos didáticos, classificando a gramática histórica e diacronicamente, conforme o fato que ela abordava. Cada gramática se ocupava em registrar seu objeto próprio, classificando-o em normas regulares e exceções.

2. A ORIGEM DO LÉXICO PORTUGUÊS

" O léxico português, entendido como o conjunto de nomes e verbos da língua, é de origem latina. Nele é que se apresentam, em

larga escala, os fatos de empréstimos lingüísticos. A história do nosso léxico reflete a história externa da língua."

(Câmara, 1979)

Baseado no que afirma Mattoso Câmara Jr. e, se quisermos, um breve confronto do vocabulário português quanto à forma e significação, podemos afirmar que encontramos base latina para a língua portuguesa. Numa perspectiva histórica é que Mattoso Câmara Jr. analisa o aspecto externo da língua, tendo em vista todas as contribuições de outras línguas, tanto anterior como a partir da formação do romance lusitano. Essa posição confirma todas as contribuições que a língua recebeu nos múltiplos processos de transformação gráfico-fonéticos das palavras por que passou no decorrer de sua história.

O vocabulário inicial do português era rude e pobre. Com o desenvolvimento da literatura, foram importados e nacionalizados termos estrangeiros. Dada a afinidade histórico-etimológica e a supremacia do latim na época, esses empréstimos foram nele encontrados. Desse processo originou-se o estrato que formou o núcleo lexical na formação do romance. Os empréstimos do latim clássico foram, aos poucos, se adaptando e se modificando pelas leis fonológicas à linguagem coloquial, estruturando-se os padrões lexicais.

Três foram as fontes que contribuíram no processo de formação do léxico: a) a de base latina; b) os empréstimos; c) os neologismos. Ainda hoje as formações vernáculas usam esses processos. Para os empréstimos vale salientar o que Bloomfield (1933) chama de "empréstimos íntimos", decorrentes do contato íntimo em um mesmo território de populações com línguas distintas, e de "empréstimos culturais" os que provêm de intercâmbios culturais. Compreendem os empréstimos de substrato, superestrato e adstrato. Exceções da gramática tradicional provêm dos substratos, constituídos por diversos falares do norte de Portugal. Pertence ao Léxico, ainda, como terceira fonte de formação, os neologismos, ou seja, as formações vernáculas. Assim como os estrangeirismos que adentraram nossas fronteiras para aportarem no léxico, por ser este o componente "mais formal das disciplinas da significação lingüística", conforme afirma Herculano Carvalho (1973), também os neologismos vão gradativamente se adaptando às leis fonéticas e/ou morfológicas, para atender ao objetivo a que foi produzido. Temos como exemplos as palavras embora e manifesto, produto de combinações que, de tanto serem realizadas, foram memorizadas, formando atualmente um todo indivisível, considerados por B. Pottier como combinações "mortas". A pa-

lavra frigor que evoluiu, pelos processos de vocalização e assimilação, a frio. Buscou-se a forma erudita "frigor" e acrescentou-se o sufixo -ífico, para designar frigorífico.

Quanto à formação de neologismos, há que se salientar que a sua formação não decorre de palavras novas, mas dentro de processos já estruturados, fundamentalmente por transformação do material que já existe. Pode ocorrer também a formação de um termo para ser utilizado em outro contexto, diferente do original para o que foi produzido. É o caso de "(... uma coisa fugace que se tem"...) de Trindade Coelho. "Intermináveis teorias de mulheres gentis (Venceslau de Moraes). Temos ainda o caso de palavras formadas no Brasil com elementos portugueses: vaguejada (v. vaquejar) de vaca e retirante (v. retirar) que no Brasil significa o que foge da seca do nordeste.

3. O LÉXICO E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES

Tendo em vista ser o tema abordado numa linha comparativa, sob a ótica da gramática tradicional e da lingüística estrutural, considerou-se conveniente um capítulo que evidenciasse as posições dos autores de ambas as correntes, para uma compreensão mais abrangente do tema em foco.

Vasconcelos (1966:212) define assim o léxico: "O léxico. O ideal seria formar um tesouro total da língua que abrangesse as palavras de uso literário, moderno, popular antigo, as palavras populares modernas do português, as palavras arcaicas, reveladas em vários documentos"... Numa concepção tradicional, o léxico geralmente é definido como um conjunto de palavras de uma língua. Quando Vasconcelos (1966) se refere ao termo "tesouro", subentende-se dicionário, em que ressalta o aspecto histórico. O termo "forma", porque muito largo e também bastante discutível. Embora não resida neste termo (forma) a imprecisão da definição, mas no conceito como um todo.

Vendryes (1970) afirma que, ao contrário das palavras morfológicas que estabelecem relações, as palavras lexicológicas exprimem idéias. Acrescenta, ainda, ao conceito e amplia sua análise, defendendo a tese de que a linguagem é a expressão do homem, e quanto mais se penetrar no universo da linguagem, maior conhecimento ter-se-á do sujeito dessa linguagem.

Genouvrier & Peytard (1974) definem o léxico como o conjunto de todas as palavras que, num momento dado, estão à disposição do locutor. Percebe-se, nos dois últimos autores, novas relações introduzidas no léxico. Vendryes introduz os

elementos filosóficos e cultural e distingue morfologia e lexicologia. Genouvrier & Peytard relacionam léxico e locutor. Por essas considerações depreende-se que os utentes dispõem de um conjunto ilimitado de palavras, mas não as utilizam. Essa afirmação não procede, pois, desde a teoria mentalista veiculada por Sapir e divulgada por Chomsky (1950), a pessoa humana nasce com capacidade de produzir toda e qualquer estrutura gramatical.

Debruçando-se nesse tema, percebe-se a preocupação de se encontrar um ponto de partida lingüístico para a descrição do léxico, ou seja, mecanismos cognitivos que permitam olhar para o interior da própria língua e para as relações aí existentes. As teorias que se preocupam com a unidade lexical, enquanto objeto de estudo com características próprias, ainda não conseguiram, com clareza, a localização num determinado ponto da gramática. Percebe-se nos autores citados que ora a colocam num componente morfológico, ora num sentido mais restrito, entre o sintático e o fonológico, como na teoria chomskyana, ora ainda a colocam num pressuposto lexical mais amplo, no qual se evidenciam relações fono-morfo-sintático-semânticas para essas mesmas unidades.

Dentre os estudos feitos nessa área, bastante divergente está a posição da teoria estrutural americana, para a qual a unidade do léxico é o "morfema, unidade-significante mínima" (REY-DEBOVE, 1968:18).

Carvalho (1973) define a lexicologia como "a mais formal das disciplinas de significação lingüística que se fundamenta na natureza da palavra como entidade não extensa". Segundo ele, a língua é passível de análise em partes menores. Esta afirmação ele restringe a algumas línguas. Ele vê a lexicologia numa perspectiva em que se parte da palavra para analisar os seus componentes mínimos, decompondo-a em unidades, a fim de verificar como se processam as inter-relações. Há, nos estruturalistas, uma preocupação não só com os elementos mínimos de significação, mas com as leis que controlam a combinação desses elementos, isto é, como esses elementos se comportam em diferentes situações.

A maioria dos gramáticos tradicionais, entre eles Ismael Coutinho, vê a lexicologia como estudo da palavra isolada, sob o aspecto do material sonoro da língua e as formas das palavras. É uma visão normativa, estática, isolada. Alguns já reformularam seus conceitos e a definem como um vocabulário de significação externa, conservando, ao mesmo tempo, a individualidade significativa como a formal. Para melhor clareza, classificam a lexia em simples: a palavra "lápis", em composta: várias palavras já integradas "obra-prima" e complexa: seqüência de palavras mais ou menos estereotipada: "a

medida que".

Como foi visto, o estudo sobre o léxico continua sendo um campo aberto a novos estudos, dada a sua complexidade, não obstante é um elemento rico, aberto e descontínuo, pois comporta variações em nível de língua e de discurso.

4. ENTIDADES LEXICOLÓGICAS

4.1- A PALAVRA (Vocábulo)

Objetivando chegar ao foco do estudo, atentamos a elementos que consideramos integrantes do processo, aos quais reservamos algumas considerações. São as entidades lexicológicas e morfológicas. Com relação à primeira, temos a "palavra", elemento que, comparado a vocábulo, contém definições múltiplas, dependendo da corrente e ótica em que é analisado. Numa perspectiva histórica, a palavra é caracterizada da seguinte forma:

"A palavra corresponde a um conteúdo semântico. Na sua conceituação, não se atende aos sons, ou melhor aos elementos materiais, mas ao sentido. No vocabulário, ao contrário, não se atenta para a significação, mas para os elementos fonéticos e morfológicos. Fala-se no sentido de uma palavra, mas nos fonemas, sílabas, acentos e elementos formadores de um vocábulo. Assim, a palavra é a expressão de uma idéia ou noção por meio de sinais gráficos ou fônicos, enquanto que o vocábulo é a palavra encarada em seus elementos materiais ou em sua estrutura."

(Coutinho, 1970:81)

Percebe-se, na caracterização, segundo Coutinho, semelhança nas definições de palavra e vocábulo, diferindo apenas quanto à forma de expressão, não quanto ao conteúdo. No entanto, pelo elemento coerentizador "enquanto que", o autor tenta distingui-los. Mas no decorrer de toda a sua obra, não se percebe diferença entre ambos, no que se refere à significação.

Quanto a este tema, especificamente, o professor Dr. Celso Pedro Luft define a palavra, caracterizando-a como um elemento mais amplo e mais abrangente, e o vocábulo como um termo mais restrito. Em síntese: a palavra contém o vocábulo, ou: Palavra \rightarrow vocábulo, pela regra de reescrita da teo-

ria gerativista.

5. ENTIDADES MORFOLÓGICAS

5.1- O MORFEMA

No estruturalismo, os autores se referem ao binômio: vocábulo-morfema, sendo este a parte de uma palavra. O morfema é bastante complexo, por ser amplo em suas acepções, motivo pelo qual os autores da estrutural, da distribucional, especificamente, e da gerativa o analisam de diferentes formas. Segundo Bloomfield, o morfema é apontado como um elemento que integra um inventário e se distribui, segundo padrões específicos de cada língua. Encontramos aqui a razão por que E. Nida acentua que a análise de qualquer língua, pela metodologia estrutural, envolve o inventário e a distribuição morfológica. Resumindo, temos que a teoria gerativa transformacional analisa o morfema na EP, destinando-lhe um lugar na semântica, ao passo que as demais analisam-no quanto ao sentido em si e o sentido numa distribuição.

Segundo Debois (1973), uma comparação mais simples entre a estrutural e a tradicional se pudesse fazer com a teoria de André Martinet, para quem os afixos e radicais na tradicional seriam os morfemas. O morfema lexical para Martinet coincide com a palavra.

Já vimos que a unidade do léxico para a estrutural americana é o morfema, o que nos leva ao seguinte raciocínio: os elementos que constituem o morfema não estão todos no mesmo plano na produção da frase, porque os morfemas produzem palavras. Podem produzir frases, mas com o auxílio de regras gramaticais.

Debove (1966) afirma que uma frase não é construída através de morfemas, mas a partir de "unidades codificadas mais altas", compostas de elementos menores que ele chama de palavras. Essas reflexões resultam em um posicionamento contrário ao conceito (já citado) de que o léxico é o conjunto de palavras de uma língua.

6. A FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

6.1- A COMPOSIÇÃO

A gramática clássica apresenta como os processos mais comuns de ampliação lexical a composição e a derivação. Neste capítulo não se pretende aprofundar o tema, senão tecer considerações gerais sobre a composição na formação das pala-

bras, não por entendermos tenha relação direta ao tema, mas ao processo. Em determinadas construções, ambos os processos estão presentes, como é o caso das palavras: "fidalgote" (filho+de+algo+ o sufixo: ote), pisa-mansinho, vermelho-rosado, médico-cirúrgico. Encontramos nas palavras compostas acima os sufixos: -inho, -ado, -ico. E assim tantas outras.

Lima (1979) conceitua composição como:

"... um processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto delas passe a formar um todo com a significação nova".

Conforme o conceito de Rocha Lima, a composição consiste em formar uma palavra nova pela união de dois ou mais radicais. Por este conceito, a palavra representa sempre uma idéia única e autônoma, não raras vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Ex.: água-que-passa-rinho-não-bebe (cachaca); não-te-esqueças-de-mim (miosotis); benquerença. As expressões "sala de estar", "pai de família" e "estrada de ferro" também são palavras compostas. Há, nestes casos, uma falha dos gramáticos tradicionais que priorizam o aspecto formal - uso do hífen - em detrimento do aspecto semântico. Adotam então o procedimento que menos lhes compromete: ignoram-nas.

Os vocábulos compostos podem ou não ser formas livres, como é o caso de agricultura (agrícola: duas formas presas) e cultura (uma forma livre). São ainda compostas: viandante; tragicômico, auriverde. A essa distinção que fazem os gramáticos tradicionais em justaposição e aglutinação Mattoso Câmara Jr. considera apenas um problema de ordem fonológica.

Como já foi visto, a língua por sua natureza é dinâmica: possui mecanismos para ampliar e renovar palavras em função das que já existem. Há, naturalmente, para este processo, leis que regulamentam. Sabemos, no entanto, que a lei deve servir a todos ou a muitos casos. Quando o utente não consegue enquadrar um termo novo em uma das leis, ele usa de seus mecanismos inconscientes: lei do menor esforço, ou às vezes, forma-se uma palavra por deturpação auditiva. Temos como exemplos a palavra "cadê" (o que é feito de), "... fez de mim gato-e-sapato" (gato sob pata), "simbora" (ir-se embora).

Os autores da corrente estruturalista, conforme Carvalho (1973) classificam como compostas as palavras que têm como tema uma combinação monemática equivalente a um sin-

tagma, da qual pode fazer parte mais de um semantema. Ex.: -tema {per- + alt-}, com dois semantemas equivalentes ao sintagma perna alta, ou em sensabor- -tema {sem-sabor} composto de um morfema e um semantema, equivalente ao sintagma "sem sabor". Pode também ocorrer que um sintagma correspondente exista como sintagma fixo: é o caso de perna longa (s.m.) e pernilongo (s.m. e adj.)

O professor Dr. Celso Pedro Luft questiona exemplos como rabo-de-saia que, ao pluralizar a unidade semântica, a flexão será feita no primeiro elemento, o que contraria o princípio sintático, cuja pluralização é sempre no último elemento (exceção a "qualquer"). Segundo ele, estaremos, desta forma, diante de uma unidade semântica discutivelmente sintática.

Podemos encerrar este capítulo com algumas considerações de Carvalho (1973) sobre palavras simples e palavras compostas. Segundo o autor, difícil se torna a fronteira entre essas duas classes. Há palavras que se podem afirmar compostas por quem conhece a etimologia e pelo critério de acentuação fonológica. Mas não raras vezes estão elas tão incorporadas na língua que ao falante comum não há diferença entre simples e composta. É o caso de embora (em boa hora), pêsames (pesa-me); alçapão (alça pō). O autor exemplifica ainda com a flexão da palavra corrimão, cujo plural é usado frequentemente "corrimões" e não "corrimãos". Em suma: compostas são as palavras para quem têm consciência de seus componentes. Para os que não têm essa consciência, os mesmos significantes serão palavras simples.

6.2- A DERIVAÇÃO

"A derivação consiste em formar um vocábulo novo adicionando a outro vocábulo ou a seu radical um prefixo ou um sufixo. O termo derivado resulta da ampliação do termo derivante"

(Ali Said, 1957)

Embora os estudos gramaticais do português se distribuam basicamente em três grandes secções: fonética, morfologia e sintaxe, não há uniformidade terminológica no sentido de propiciar um única metalinguagem. Neste capítulo, pretende-se avaliar o desempenho da gramática tradicional num confronto com a estrutural no campo da derivação. No que se refere aos processos derivativos, o estudo não pretende aprofundar as aborgens sincrônicas e diacrônicas, mas limi-

tar-se-á a comparação de concepções tradicionais estruturais dos enunciados. Serão focalizados alguns fatos isolados em se tratando de todo o processo derivativo.

A gramática tradicional tem-se referido ao problema da derivação, privilegiando o critério formal, mas com muitas falhas. Analisa a palavra isoladamente, deixando, na maioria dos casos, obscuros os elementos gráficos ou fonéticos que unem radical-sufixo, sem uma explicação convincente. Não mostra a possibilidade de que tudo o que for virtual em termos distribucionais, no campo específico, derivação sufixal, é suscetível de ser empregado na fala. A forma pensação, perfeitamente inteligível, é uma construção possível, por analogia a compreender/compreensão, embora não ocorram derivações desse tipo no plano coletivo, porque determinadas relações já estão cristalizadas. No entanto podem ocorrer, e a língua é a responsável pela criação. Uma nova forma pode passar a língua, desde que passe do estágio individual ao social, afirmação feita por Saussure e já referenciada aqui neste trabalho.

Segundo (Câmara, 1979, Apud Bourciez, 1930), em diferentes épocas houve mudanças de concepção com relação ao elemento denominado sufixo. Não seriam privilégios das formações vernáculas, pois sua existência era presente nas formações latinas. A integração de uma vogal de tema ao sufixo é outra característica de integração sufixo - radical. Ex.: artista, pianista. Isso prova ser o sufixo um núcleo e apresenta variações de tema. Quando ele se une à palavra primitiva, a vogal do tema pode desaparecer dada a supressão de uma vogal átona em contato com outra. Ex.: fruta>frutinha, ou não desaparecer como em pêssego>pessegozinho, ou ainda na aglutinação, dar lugar a um elemento fonético: frutífero (fruta+fero).

Como o léxico se formou tendo por base o núcleo de palavras populares mais os empréstimos eruditos, pode haver diferença na formação do sufixo, pois uma palavra derivada do latim, tanto pode ser erudita como alterada por leis fonéticas a cujos radicais são acrescentados os sufixos. Há que se salientar, ainda, o valor produtivo dos sufixos que funcionam como instrumento de criação lexical: dada uma palavra derivada, esta passa a servir de modelo para a estruturação de novas palavras: transformacional (ista, ico).

Parece-nos importante acrescentar aqui uma espécie de divisão binária nas derivações por sufixação. Trata-se da distinção entre derivações de "permanência de classe que produzem uma forma derivada da mesma classe que a forma subjacente, e derivações de mudança de classe que produzem uma forma derivada pertencente a uma outra classe (Robins, 1977:241). Esta constatação, como se vê, baseia-se na distri-

buição dos sufixos derivacionais - constituintes periféricos - em relação a seus constituintes imediatos nucleares.

Não se abordou os demais tipos de derivação neste capítulo, porque nos interessa especificamente a sufixal, para o estudo da derivação regressiva.

7. MORFOLOGIA FLEXIONAL E MORFOLOGIA DERIVACIONAL

Embora este trabalho tenha em vista especificamente a morfologia derivacional, cabe estabelecer as distinções entre esta e a morfologia flexional. Sabe-se que ambos os processos resultam de algum tipo de afixação. Mas impõe-se estabelecer as relações que resultam de cada tipo de afixação com o contexto. É preciso ver, então, como a flexão se comporta nas construções lingüísticas e como a derivação, por sua vez se comporta.

Robins (1977) distingue os dois processos morfológicos com a seguinte afirmação: "De modo geral, as formações ou alternâncias flexionais são aquelas que unicamente determinam e restringem o funcionamento gramatical da forma da palavra resultante, enquanto que as formações derivacionais produzem uma forma que é substancialmente a mesma para fins gramaticais como a forma raiz ou como uma forma subjacente mais simples ou mais básica.

Como se vê, a morfologia flexional se ocupa dos processos de variações por que passa a estrutura da palavra para agregar-lhe categorias gramaticais, necessárias ao estabelecimento de relações ao nível da frase. A flexão, então somente altera o vocabulário morficamente, a fim de estabelecer relações sintáticas, mas sem implicações lexicais, isto é, sem criar vocábulos novos. Por outro lado, o processo de derivação distingue-se claramente do processo de flexão. As formações derivacionais "não envolvem diretamente a palavra em relações sintáticas com outros constituintes da frase, da forma como as flexões o fazem" (Robins, 1977:240).

Fazendo uma retrospectiva no tempo, segundo Basílio (1980), os gramáticos clássicos priorizavam os sistemas flexionais em detrimento da morfologia derivacional por serem aqueles (os flexionais) mais regulares. Interessava-lhes o aspecto externo, caracterizando por um padrão único ou pelo desvio desse padrão, o que só poderia ser verificado no aspecto flexional. Para os estudiosos clássicos, a palavra era considerada um vocábulo indivisível, não oferecendo nenhuma curiosidade científica à análise de seus elementos mórficos.

Com a gramática de Panini, cuja ênfase foi dada ao estudo da evolução das palavras, o interesse em morfologia

creceu. Essa gramática analisa as palavras em seus elementos estruturais internos. Ela criou os modelos "Elemento e Arranjo" cujas bases se encontram no estruturalismo, e "Elemento e Processo" que se fundamenta no gerativismo.

No modelo estruturalista, a morfologia derivacional começou a ser considerada, quase alcançando os estudos flexionais. Surge, nesta época, o morfema, definido como unidade significativa da língua e como tal, unidade básica da morfologia. Eis a nova luz por que deve ser encarada a morfologia derivacional. Dentre os vários modelos sugeridos para descrever os fenômenos derivacionais, nenhum foi completo para o estudo do léxico em várias línguas. Com a publicação do artigo "Remarks on Nominalization", Chomsky (1970), foi possível um estudo da morfologia derivacional numa abordagem gerativa transformacional. Depois de definir o morfema como unidade lingüística, verificou-se que um grande número de palavras no léxico têm uma estrutura interna que deve ser descrita, sem desconsiderar a ênfase que a teoria dá ao aspecto criativo da linguagem, o que nos "leva à necessidade de dar conta da criação de palavras novas no léxico." (Basílio, 1980).

8. SUFIKOS DERIVACIONAIS: PROGRESSIVOS/REGRESSIVOS

Até este capítulo foi feita uma análise comparativa das linhas teóricas da gramática tradicional com a lingüística estrutural americana, sobre os processos de ampliação vocabular, considerados pré-requisitos ao tema: derivação regressiva. Na primeira parte, a estruturação do trabalho obedeceu a consideração de vários autores das correntes em análise. A partir deste capítulo, porém, o desenvolvimento do tema será embasado nos gramáticos tradicionais, cujos autores postulam linhas comuns de pensamento sobre o fato lingüístico, num confronto com a teoria gerativista divulgada por Chomsky (1970) sob forma de hipótese lexicalista, apresentada no artigo "Remarks on Nominalization".

Objetiva-se verificar, em ambas as teorias, como o fato lingüístico se comporta, classificar os derivativos em deverbais e regressivos, segundo os gramáticos consultados e, mais a título de informação, verificar a categoria gramatical dessa derivação.

Os gramáticos² da linha tradicional fazem uma verdadeira tautologia em seus compêndios quando vão definir

² Coutinho, Ismael Lima de. Gramática Histórica, 6 ed, Acadêmica, Rio de Janeiro, 1970: 166-175.

Lima, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 20

derivação regressiva ou deverbal.

Sintetizando as definições, resta-nos que o processo de derivação regressiva consiste na supressão de pseudosufixos de formas simples que se supõem derivadas, ou de formas que dão a falsa impressão de serem vocábulos derivantes. O conceito, pela sua abstração, subjetividade e restrição tem o poder de confundir qualquer leitor. Supressão de pseudosufixos para os quais dão os seguintes exemplos: sarampo (de sarampão); boteco (de botequim); aço (de aceiro). É dada esta denominação, porque os elementos terminais -ão, -im, -eiro não são reais. Se o fossem, dariam uma idéia de grau, como no caso: garrafão, selim, (padeiro). Deriva dessa reflexão, as seguintes questões:

1. Qual seria o termo primitivo de palavras como "caminhão"?

2. Seria uma "forma simples que se supõe derivada" porque derivou caminho? ou o caminho é um substantivo que derivou o verbo caminhar, conforme a derivação regressiva?

3. Elemento terminal -im de selim explica-se mais em razão de uma lógica abstrata, pois sua consagração tem uma justificativa histórico-ideológica: era um objeto utilizado por mulheres amazonas, por isso mais delicado, não obrigatoriamente uma sela menor. Assim encontramos muitas outras formações populares, algumas das quais passam a ser usadas constantemente a ponto de se incorporarem definitivamente ao Vocabulário Oficial, perdendo até a sua aceção original. E assim, ao analisarmos estruturalmente, pela gramática tradicional, certas palavras, estamos sujeitos a equívocos, derivando dessas definições imprecisas uma análise do fato lingüístico.

Quanto ao aspecto da nomenclatura, se buscarmos explicação na história, temos que regredir é retroceder, recuar. Poder-se-ia ilustrar um processo de assimilação regressiva com a evolução do termo persicum, pelo processo de transformação. Por este processo, o "s" foi assimilado pelo "r". O "c" foi abrandado por "g". O "i" breve passou para "e", e deu a palavra pêssego. É um caso de assimilação regressiva total e completa, acontecida na evolução do latim vulgar para o português. Observe, contudo que não alterou a significação.

A proposta de Chomsky (1970) sugere que os nominais derivados de verbos sejam inseridos diretamente na estrutura

ed, J. Olímpio, Rio de Janeiro, 1979: 173-187.

Sacconi, Luiz Antonio. Gramática em tempo de Comunicação, 4 ed, Nacional, São Paulo, 1976:276-281.

profunda sob nódulos de SN. A partir de então, os linguístas tiveram que construir modelos para representar a competência do falante nativo, no léxico de sua língua, pois o conceito básico da teoria é o conhecimento que o falante nativo tem de sua língua. Portanto, os modelos ou métodos, para formar novas palavras e analisar a estrutura das existentes devem ter um procedimento diferente do sentencial.

Jakendoff (1975) afirma que o "léxico é um conjunto de entradas lexicais e um conjunto de regras de redundância lexical, cujo papel é relacionar entradas lexicais a partir de regularidades fonológicas e sintático-semânticas". Não é suficiente ao falante nativo o conhecimento dessas regras, ou entidades lexicais, mas ambas devem dar conta da capacidade de relacionar itens lexicais uns aos outros e analisar a estrutura interna desses itens.

O professor Luft, analisando a estrutura lexical, e para designar, em alguns casos a derivação regressiva, usa o termo derivação progressiva ou sufixal, por considerar aquela inadequada para os deverbais. Sugere, entretanto, o uso do termo para designar os casos de derivados nominais: as reduções e/ou gírias.

Como este termo foi usado pelo professor Luft, acreditamos ter relação com a natureza da análise que a teoria estruturalista comporta, isto é, tipicamente binarista. Binarismo este, antes explorado unilateralmente. No entanto, a posição de Luft é explicitamente baseada na idéia de significação do fato lingüístico, em oposição ao termo regressivo, defendido pelos gramáticos da tradicional. Segundo a análise do autor (Luft), no caso, o substantivo cola vem do verbo colar. O "r" do infinitivo é um morfema a mais. O tema verbal é "cola", ao qual se acrescenta o sufixo -a, para o substantivo que, pela regra de apagamento, um dos "as" é eliminado. Exemplificando: col- a_v a_s = cola. Por este modelo, houve uma progressão, não uma regressão.

Para explicar o processo de derivação regressiva, deverbal, ou pós-verbal, percebem-se, na tradicional, lacunas, pois há referência somente quando a derivação parte do verbo para o substantivo: trabalhar → trabalho, omitindo o contrário. Tendo em vista a dificuldade em saber se é o substantivo que provém do verbo, ou este deriva daquele, encontramos nos gramáticos tradicionais, o que Mário Barreto estabelece como um critério prático para a distinção: "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo, palavra primitiva. Se o substantivo denota objeto ou substância, o verbo será primitivo e o substantivo será derivado.

Relacionamos alguns exemplos: derivação deverbal

S derivado	V primitivo	;	V primitivo	S derivado
1. azeite.....	azeitar	;	abandar.....	abano
2. âncora.....	ancorar	;	ajudar.....	ajuda
3. bôia.....	boiar	;	ameaçar.....	ameaça
4. balanço.....	balançar	;	apertar.....	aperto
5. cola.....	colar	;	buscar.....	busca
6. disco.....	discar	;	cantar.....	canto
7. escova.....	escovar	;	censurar.....	censura
8. escudo.....	escudar	;	chorar.....	choro
9. gelo.....	gelar	;	comprar.....	compra
10. grampo.....	grampear	;	consertar.....	conserto
11. neve.....	nevar	;	demorar.....	demora
12. pasto.....	pastar	;	enterrar.....	enterro
13. pente.....	pentear	;	gritar.....	grito
14. prego.....	pregar	;	iniciar.....	início
15. peso.....	pesar	;	misturar.....	mistura
16. ralo.....	ralar	;	trabalhar.....	trabalho
17. rolo.....	rolar	;	usar.....	uso
18. tapete.....	tapetar	;	visitar.....	visita
19. tampa.....	tampar	;	votar.....	voto
20. telefone.....	telefonar			

Ainda quanto à derivação deverbal, o processo se forma pela junção de uma das vogais -o, -a, -e ao radical do verbo, conforme os gramáticos consultados. Tendo em vista uma listagem de Nomes/Verbos existentes no livro de Margarida Basílio (1980) fizemos um levantamento em 100 (cem) palavras-substantivos da lista de amostragem, p.115-117, para verificar o procedimento dos deverbais-substantivos com relação ao tema verbal; a fim de constatar alguma relação. Obtivemos o seguinte resultado: 48 (quarenta e oito) nomes terminados em -o, derivam temas verbais em -a; 38 (trinta e oito) nomes em -a derivam temas verbais em -a, e 14 (quatorze) nomes terminados em -e derivam temas verbais em -a. Somente dois nomes terminados em -a derivam temas verbais em -e. Pelo resultado obtido, concluiu-se que:

- 1) os nomes com terminais em -o e -a predominam sobre os em -e;
- 2) os nomes primitivos de terminação -o e -e ocorrem, em grande escala, com o tema verbal -a.

8.1- DERIVAÇÃO REGRESSIVA NOMINAL

O professor Luft, conforme já foi citado, reserva o

nome de derivação regressiva às formações populares, ou seja, às reduções e/ou gírias. Este processo não obedece a nenhuma regra ou lógica na sua formação. O que comumente se verifica é a eliminação dos sufixos que, intuitivamente as pessoas fazem. Há palavras em que o uso as torna tão sistemáticas que, por analogia, outras são formadas pelo mesmo processo. A redução ou gíria não altera o sentido das palavras, como acontece com a deverbal, diferença pela qual alguns gramáticos resistem em considerá-las palavras sinônimas.

8.1.1- Algumas reduções de sufixos (Gírias)

1. transa.....transação
2. satisfa.....satisfação
3. coluna.....colunista
4. comuna.....comunista
5. madruga.....madrugada
6. jorna.....jornada
7. delega.....delegado
8. estranja.....estrangeiro
9. portuga.....português
10. analfa.....analfabeto
11. flagra.....flagrante
12. catega.....categoria
13. comissa.....comissário
14. berga.....bergamota
15. bobô.....boboca
16. rafa.....rafuagem
17. carná.....carnaval

8.1.2- Diferentes processos de redução (Não Gíria)

1. abreu.....abreugrafia
2. cine(cinema).....cinematografia
3. foto.....fotografia
4. pornô.....pornografia
5. fisio.....fisioterapia
6. eletro.....eletrocardiograma
7. quilo.....quilograma
8. pneumonia.....broncopneumonia
9. apêndice.....apendicite
10. análise.....psicanálise
11. bebum.....bebado
12. boteco.....botequim
13. demo.....demônio
14. maré.....maremoto
15. moto.....motocicleta

16. multi.....multinacional
17. asma.....asmático
18. pneu.....pneumático
19. refri.....refrigerante
20. inter.....internacional
21. curto.....curto-circuito
22. asco.....asqueroso
23. confa.....confusão
24. grafa.....grã-fina
25. míngua.....minguante, mínguada
26. micro.....microônibus
27. neuro.....neurastênico
28. profe(i).....professora
29. hêtero.....heterossexual
30. hipo.....hipo-imcosul
31. rapa.....rapadura
32. auto.....automóvel
33. sũcia.....sociedade
34. purfa.....por fora
35. tetra.....tetracampeão
36. tusta.....tostão
37. surdo.....surdo-mudo
38. vôlei.....voleibol
39. volks.....volkswagen
40. manê.....maneco

Como podemos verificar, no processo anterior, não há um critério preestabelecido para a derivação regressiva, como redução ou gíria. De algumas palavras são suprimidos os sufixos: asco = asqueroso, enquanto que de outras são suprimidos os radicais - gregos ou latinos - iniciais ou finais: fotografia = foto: foi suprimido o elemento final; de psicanálise foi suprimido o elemento inicial: psica.

O critério mais lógico e acredita-se aceitável é o de base sócio-cultural. Objetiva-se tornar a comunicação oral mais rápida e, por outro lado, afirmar a identidade de um determinado grupo social, pois que, na maioria das vezes, são efêmeras como o grupo, acontecendo na fala coloquial e depois desaparecendo. Há os que, pelo uso generalizado e sistemático, vão-se sedimentando e passam à língua escrita. Numa perspectiva sociológica, constata-se que este processo varia dependendo de fatores sociais.

Como não se pode estabelecer critérios claros para as reduções, não se está afirmando que não haja estudos especificamente na área em fase inicial.

O professor Celso Luft, apresentou aos alunos de Pós-Graduação algumas regras destinadas a analisar tais pro-

cessos. Dentre elas, para analisar as palavras: comunista e português nas formas reduzidas: comuna e portuga.

1) Apagamento do sufixo -ista e acréscimo do -a.
2) Recepção, pela sílaba tônica do -a e recuo do acento. Este recuo obedece à regra de paroxítona, básica no português.

1) Apagamento do sufixo -ês;
2) acréscimo da vogal átona -a e recuo do acento tônico.

9. A DERIVAÇÃO DEVERBAL E A NOMINALIZAÇÃO

Já nos referimos na derivação verbal vista pelos gramáticos da linha tradicional. Teceremos algumas considerações sobre a derivação verbal, apresentada por Basílio (1980) para quem o processo verbal é a relação paradigmática entre verbos e nomes no léxico em geral, antes de considerá-lo um mero processo de formação de nomes a partir de verbos. Baseada nas regras de análise estrutural (RAE), e regras de formação de palavras (RFP) os nomes verbais em português podem tanto ser uma interpretação verbal como nominal, conforme o contexto. Há casos em que nomes verbais só podem ser interpretados como verbos, ou só como nomes.

Temos, a seguir uma das regras exemplificadas:

- a. (X) V [(X) V ção] N.....armar : armação
- b. (X) V [(X) V mento] N.....casar : casamento
- c. (X) V [(X) V da] N.....sair : saída
- d. (X) V [(X) V nc(i)a] N.....existir:existência
- e. (X) V [(X) V agem] N.....lavar : lavagem

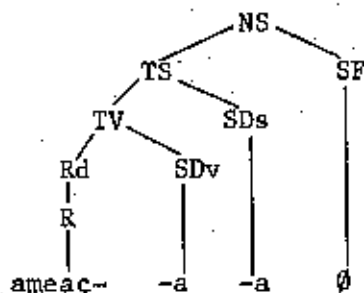
A seguir Margarida Basílio apresenta o resultado da pesquisa, da qual já havíamos colhido alguns dados para interpretar. Os resultados se aproximam, em termos de conclusão:

- a) verbos terminados em -a e nomes correspondentes terminam em -a;
- b) verbos terminados em -a e nomes terminados em -o se correspondem;
- c) verbos terminados em -a e nomes correspondentes em -e. Daí deriva que, dado um nome X, terminado em vogal Y, pode-se prever que sua contraparte verbal termina -a. Entretanto, dado um nome em -a, não se pode prever a vogal final do nome correspondente.

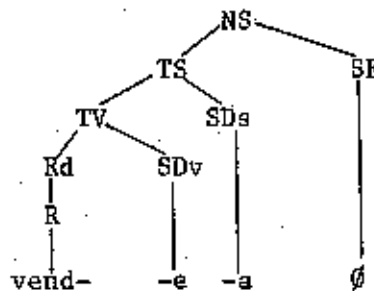
O professor Luft, na sua denominação de derivação progressiva, aborda todas as questões sobre formação de pala-

bras deverbais, baseado no modelo da estrutura de árvores, em que se tem uma visão clara do processo.

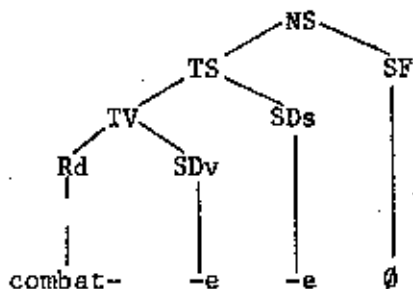
1. ameaça (subst.)



2. venda (subst.)



3. combate (subst.)



Temos, nos casos acima, radical, sufixo derivativo verbal que indica as conjunções (1ª e 2ª) -a e -e. A seguir, o sufixo derivativo substantivo (sf. classificatório) -o, -a e -e. Pelas regras morfofonológicas de apagamento e assimilação, duas vogais iguais, uma é apagada; vogais diferentes, uma assimila a outra, conforme as setas acima.

CONCLUSÃO

Foi nosso objetivo neste trabalho contatar com a derivação regressiva, a fim de checar o comportamento deste processo, sob a ótica tradicional, estrutural, finalizando com a gerativa. A amplitude da abordagem chocou-se com certas limitações que prejudicaram um pouco o trabalho. Lacunas que permaneceram, pretende-se sanar ao retomar o tema para um estudo mais detalhado.

Não obstante, pretendeu-se fiel ao objetivo de verificar o comportamento da derivação regressiva em ambas as

teorias, classificar os derivativos em deverbais e regressivos e verificar mais alguns aspectos considerados relevantes.

Verificou-se no contato com os autores pesquisados que nos derivativos deverbais a diferença reside muito mais no elemento terminal (sufixo), cuja denominação recebe terminologias conforme a teoria que embasa a postura do autor: derivação regressiva:

- "... é a subtração de um elemento terminal" (LIMA, 1979)

- "... é a redução da palavra derivante por uma falsa análise da estrutura." (CUNHA, 1975).

- "... é a dedução de uma forma primitiva com base em outra que se julga derivada" (COUTINHO, 1967).

- "... é a criação de palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes." (BECHARA, 1980).

- "... é a retirada de elementos finais de uma palavra, quer pela supressão de pseudossufixos, quer pela supressão de verdadeiros sufixos" (SACCONI, 1976).

- "... são substantivos verbais abstratos que correspondem a verbos cognatos sem deles se derivarem por meio de um sufixo, ou derivado de um sufixo zero (Ø)" (CÂMARA, 1984).

- A deverbal é uma derivação progressiva, porque ao radical é acrescido um morfema. Posição do prof. LUFT.

- "... nomes deverbais da mesma maneira que nomes morfológicamente básicos podem ter uma interpretação nominal, ou uma interpretação verbal, dependendo do contexto" (BÁSILIO, 1980).

Pela multiplicidade de definições então arroladas, constatamos que a fundamental diferença entre os autores reside muito mais na terminologia e formulação dos enunciados do que no conteúdo do fato lingüístico.

A posição de Mattoso Câmara Jr. já é bem mais objetiva, usando o termo "derivado" somente no caso de ser a deverbal um sufixo zero.

O professor Luft explicita claramente sua posição, analisando os deverbais em modelos de árvores, cujos equívocos são impossíveis, seguindo o raciocínio que ele postula.

Margarida Basílio (1980), na pesquisa do processo de nominalizações não separa didaticamente a deverbal. Reserva-lhe um capítulo, mas enfatiza os pares nomes/verbos, indistintamente da vogal terminal, ou se verbo deriva de nome e vice-versa.

Pela ótica de Basílio, surgiram algumas reflexões: Há uma espécie de relação no contexto frasal, em que nos substantivos de ação, observa-se uma disposição sintagmática com tendências generalizantes:

a) os substantivos deverbais são seguidos de um complemento com as preposições de e a;

b) os substantivos deverbais são seguidos de um complemento sujeito com as preposições por e per:

Exemplos: a) 1. A caça ao ladrão.
2. A escola de um par.
3. O acerto do aluno.
4. A procura de emprego.
5. O choque dos carros.
6. O custo de vida.
7. O controle da inflação.
8. A agonia da morte.
9. O conselho dos mais velhos.
10. A calma da professora.

b. 1. O amor do homem por Deus.
2. O ódio dos homens pela hipocrisia.
3. A seleção dos jogadores pelo técnico.
4. O transporte coletivo por rodovias.
5. A emoção da criança pelo brinquedo.

Do ponto de vista histórico, temos, como na formação do léxico, três fontes:

a) a derivação regressiva dos verbos respectivos;

b) derivados latinos em que, na sua evolução fonética, perderam o sufixo;

c) deverbais já existentes em latim.

Dada esta retomada geral, independente da forma como se processa, concluímos que a derivação "progressiva" tem grande produtividade na criação de substantivos, sem deixar de considerar a formação de verbos, em que a "natureza verbal" é apenas indicada pelo tipo de flexão, como no exemplo: capinar de capim.

No processo de formação de palavras, a derivação regressiva e a deverbal tem importância capital, tendo em vista ser uma ampliação lexical bilateral: não se processa por uma única via, mas é larga e por isso possibilita criações abertas.

É uma das mais "formais", mais ricas e mais significativas partes da língua, principalmente por suas características léxico-semânticas.

BIBLIOGRAFIA

1. ALI, M. Said. Dificuldades da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
2. BASÍLIO, Margarida. Estruturas lexicais do Português, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1979.
3. CÂMARA, Mattoso Jr. Dicionário de filologia e gramática, Rio de Janeiro, J. Oson, 1978.
4. CÂMARA, Mattoso Jr. Dicionário de lingüística e gramática. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1984.
5. CARVALHO, José Herculano de. Teoria da linguagem, Coimbra, Atlântida, 1973.
6. CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra, Armênio Amado, 1978.
7. COUTINHO, Ismael Lima de. Gramática Histórica. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.
8. CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Alvarez S.A., 1975.
9. LAPA, Rodrigues M. Estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
10. LIMA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1979.
11. LYONS, John. As idéias de Chomsky. São Paulo, Cultrix, 1970.
12. NIDA, Eugene A. Morphology: a descriptive analysis of words. The University of Michigan Press, 1970.
13. ROBINS, R. A short history of linguistics. Indiana University Press. Bloomington, 1968.
14. SACCONI, Luiz Antonio. Gramática em tempo de comunicação.

São Paulo, Nacional, 1976.

15. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo Cultrix, 1977.

16. VENDRYES, Josph. Le language, Paris, Albin Michel, 1950.